

# Garimpeiros expulsos estão abandonados

PLÍNIO VICENTE DA SILVA

Expulsos os brasileiros, o cenário parece ter sido palco de uma guerra. As inúmeras e sucessivas clareiras apresentam sinais de violência, mostrando máquinas queimadas, árvores derrubadas, lonas esparramadas e os igarapés completamente poluídos. A volta, equipamentos e mantimentos estão espalhados, como que abandonados às pressas. Quem conseguiu carregar alguma coisa, antes da chegada dos soldados venezuelanos, pode dar-se por satisfeito. A maioria dos 3 mil garimpeiros expulsos mal teve tempo de juntar um pouco de comida antes de cair no mato.

Na quarta-feira, 10, às 16h30, a bandeira da Venezuela continuava fincada no mastro plantado ao lado da Constituinte, uma pista de pouso construída no território venezuelano, a 10 km da fronteira. Não havia, aparentemente, ninguém no local. A idéia era fazer um levantamento dos estragos na floresta e nas nascentes do rio Orinoco.

Tão logo o helicóptero se aproximou, um soldado saiu armado com um fuzil-metralhadora. Apontando a arma para o helicóptero, fazia ao piloto sinais para que se afastasse. Cumprida a ordem, percebeu-se logo, lá longe, a presença de dois

helicópteros venezuelanos. O soldado tinha chamado os aparelhos pelo rádio.

Na volta para Paapiú, a única das pistas de pouso localizada do lado brasileiro e a mais importante da região centenas de garimpeiros continuam concentrados à espera de alguém que os tire de lá. A maioria está sem dinheiro nem mesmo para comer ou para uma passagem até Boa Vista.

Os brasileiros foram descobertos em território venezuelano porque houve denúncias de que o rio Orinoco estava com suas águas amareladas. Com as buscas foram localizados. Eles chegaram a montar uma pequena cidade a cerca de 20 quilômetros da fronteira — que ali é seca e precariamente demarcada — com cantinas, galpões, cabaré e cinco pistas de pouso. A Guarda Nacional venezuelana, assim que descobriu o grupo, deu 48 horas para que todos deixassem a área. Depois prorrogou o prazo para as 18 horas de segunda-feira.

"Não existem mais garimpeiros brasileiros em território venezuelano", confirmou ontem o general Italo Del Valle Aliegro, ministro da Defesa da Venezuela. Muitos deles, no entanto, continuam escondidos na mata, esperando a saída dos soldados para recuperar os equipamentos que perderam.



Vanderlei Almeida/Reuter

Garimpeiro negocia uma carona para sair da fronteira, em Paapiú: sem dinheiro para a passagem, de 1.400 cruzados.

## Prejuízo e desespero na fuga

Com a chuva equatorial, o calor úmido aumenta e deixa a pele pegajosa. Na rede, limpando o suor com as costas das mãos, o cearense Leonidas Ribeiro de Araújo, de 60 anos, corpo quase esquelético, já não lembra quantas vezes pegou malária: "Tão logo a gente saía, lá ia de novo pro mato, que vida de garimpeiro não dá futuro na cidade". Como milhares de outros garimpeiros, Leonidas garante que não sabia ter invadido território da Venezuela. "Não tinha nenhum marco, nada que dissesse que daqui para lá era Venezuela", diz ele.

Ribeirinho, como Leonidas é chamado pelos colegas, tem mais de 30 anos de garimpo e já rodou do Pará a Mato Grosso. Riqueza nenhuma, só o suficiente para as mulheres, a bebida e algumas coisas que deixou em Cuiabá: "Uma casinha e um terreninho para a mulher e os filhos se ajetaem". Depois de tantos anos de mato, ele nem pensa mais em voltar para a cidade e acha até que um dia alguém vai passar por cima dele, numa grota qualquer, e nem vai notar.

Em mais de uma semana atravessando o mato, Ribeirinho perdeu tudo para voltar da Venezuela para Paapiú. "Quando os soldados apareceram lá na grota, o primeiro pensamento foi pegar na espingarda, mas era bobagem, ia morrer muita gente", lembra ele, que acrescenta: "Então a gente entregou tudo e foi embora, com os trecos e um pouco de comida". O garimpeiro diz que comeu até macaco para conseguir chegar com vida e ninguém ficou no caminho.

Mesmo sem saber, ele estava dez quilômetros dentro do território venezuelano quando foi surpreendido pela Guarda Nacional. A clareira onde trabalhava não ficava muito distante da pista de pouso da Constituinte e foi uma das primeiras a ser desativada. Ribeirinho diz que não foi vítima de violência, mas lembra que alguns amigos reclamaram de excessos: "Tanta gente que perdeu tudo, entregou o ouro e ainda levou umas bordoadas".

Dos mais de 300 garimpeiros que ficaram na pista de Paapiú,

muitos sem ter como pagar um prato de comida nem a passagem para Boa Vista, o mais desesperado era Raimundo Nonato de Oliveira Neto, que revelou ter investido cinco quilos e meio de ouro para construir a pista da Constituinte. Há mais de um mês Nonato recebeu o ultimato da Guarda Nacional para retirar tudo e ir embora. Ele tentou convencer outros garimpeiros a sair, mas a maioria resistiu.

"Como eles ficaram, eu também fiquei!", conta Raimundo, acrescentando que em outro dia os soldados chegaram em três helicópteros e deram novo prazo para a retirada. Alguns garimpeiros se foram e conseguiram retirar o maquinário, mas outros resolveram enfrentar os soldados, que começaram então a fazer ameaças. Uma delas era a de atirar em quem estivesse trabalhando.



Vanderlei Almeida/Reuter

Ribeirinho: "Perdemos o ouro e levamos bordoadas"

Raimundo ainda nem sabe dizer quanto teve de prejuízo, mas lembra que só na cantina havia mais de três toneladas de alimentos. Os números são confirmados por Angelim Jerônimo, de 27 anos, paranaense, técnico em edificações que trocou um emprego em Curitiba para ser cantineiro no garimpo. Para ele, o prejuízo do dono da pista passa dos NCz\$ 500 mil.

Apesar de a chuva aumentar, transformando a pista num grande lamaçal, não impede pousos e decolagens de pequenos aviões e helicópteros. Mais gente vem chegando: são enlameados garimpeiros que trazem mulheres e crianças. Zelnira Magalhães, de 41 anos, caminha com dificuldade pela lama, carregando a filha de quatro anos: "Nasceu no garimpo como os outros três, todos homens que devem estar por aí numa clareira qualquer", conta ela, esperançosa de um dia encontrá-los.

## Paapiú, pista e cidade do garimpo

A pista de pouso de Paapiú, em Roraima, lembra o cenário de um filme do velho Oeste americano: uma larga rua onde a sujeira se mistura com o lamaçal e cachorros e galinhas passeiam entre as pessoas. Dos lados, cantinas, mercearias, restaurantes, oficinas, farmácias e até bordéis para os garimpeiros que chegam.

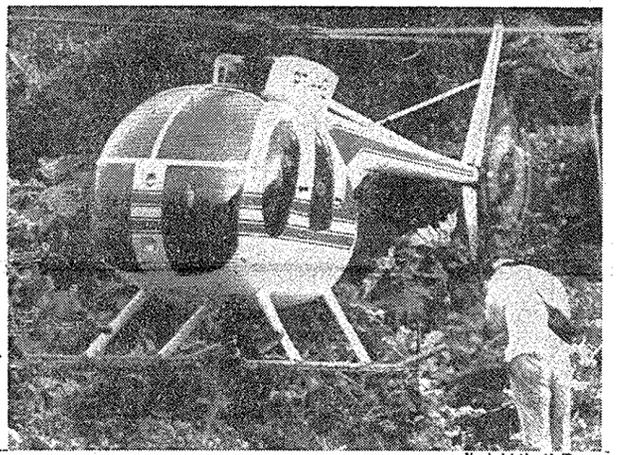
A rua de terra é ao mesmo tempo a única da cidade e também a pista onde hoje se realizam diariamente centenas de pousos e decolagens. Cada avião que desce ou levanta voo é como se fosse uma diligência — e os personagens parecem ter atravessado o túnel do tempo. Longa e segura, apesar de algumas pequenas falhas, a pista permite que os pilotos trabalhem, embora tendo de fazer peripécias para não deslizar.

Construída para dar apoio ao posto indígena da Funai que atendia aos índios ianomamis, a pista foi abandonada depois da grande invasão promovida pelos garimpeiros em fins de 1987. A Funai ficou enquanto a Polícia Militar também estava, mas quando os policiais se foram a Funai deixou os índios entregues à sua sorte e aos novos donos da pista.

O índio Lourenço vive perambulando pela pista, cuja cabeceira é bem em frente de sua maloca, tentando trocar arcos e flechas por cartuchos. "É pra caçar porco", explica o cacique ianomami, hoje completamente dominado pelos brancos e suas novidades. Agora, com a expulsão dos brasileiros da Venezuela, um cartucho passou a ter extraordinário valor e quem tem não troca nem vende.

O movimento de aviões em Paapiú, a 50 quilômetros da fronteira, chega a ser alucinante. Pousos e decolagens são feitos a cada minuto, num chega-e-sai interminável de aeronaves pequenas, que não conseguem atender a todas as centenas de garimpeiros que se acotovelam nas laterais da pista, fugindo da Venezuela.

Na região, no entanto, pista de pouso é o que não falta: entre Paapiú e a Constituinte, na Venezuela, há pelo menos outras quatro — Chico Veloso, Raimundo Nenê, Paraíba e Rubens, a mais curiosa, com pouco mais de 300 metros. Ela fica a mais de dois mil pés de altitude, aberta em cima de um dos mul-



Vanderlei Almeida/Reuter

Flávio Tagima: fortuna com transporte de helicópteros

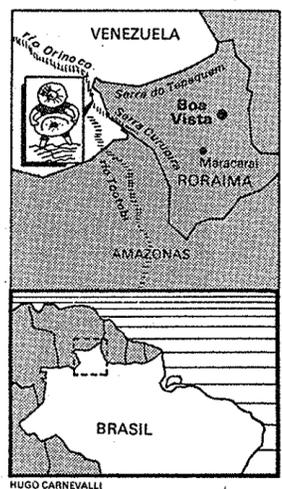
tos morros que formam a divisa entre os dois países.

Metade da pista está na Venezuela e metade no Brasil, e os garimpeiros contam que só um piloto desce nela. Bosquinho, como é chamado, voa num aviãozinho conhecido por Rabetinha e usa apenas alguns metros para pousar. Ele é a alegria dos garimpeiros e faz coisas realmente incríveis: na quinta-feira, com tempo chuvoso, Bosquinho

realizava todo tipo de acrobacia, cortando nuvens negras antes de descer.

Além do piloto, Flávio Tagima é outro dos poucos que consideram Paapiú um paraíso. Com pouco mais de 50 anos, ele vendia produtos veterinários para granjas avícolas em São Paulo, mas cansou-se da rotina e aceitou o convite de um vizinho para conhecer o garimpo. Chegou há 40 dias e garante que não sai de lá tão cedo. Dedicado e caprichoso, Tagima organizou o acampamento do vizinho Jurandir Veresozza e melhorou muito as condições de vida da equipe que opera os dois helicópteros Hugges Delta 500. Os voos, um atrás do outro, rendem quase 1.500 dólares por hora, transportando garimpeiros e cargas para as clareiras. "Estou ficando cada dia mais moço", brinca Tagima.

Garhar dinheiro com garimpo, apesar dos riscos, só mesmo dono de avião ou helicóptero e os cantineiros, que cobram o que bem entendem e fazem preços de acordo com o momento. Uma refeição — o prato-feito — custava quinta-feira dez gramas de ouro e um refrigerante cinco gramas. Os preços subiram 100% assim que começou o êxodo dos garimpeiros, expulsos da Venezuela. Antes havia certa calma em Paapiú e a procura era bem menor do que a oferta.



HUGO CARNEVALI

## Emoção e lágrimas no retorno

Duas lágrimas rolaram pelo seu rosto. Sorriso emocionado, disse apenas duas palavras: "Ele chegou". Júlia apanhou rapidamente a mochila e correu para pegar o avião. Lá se foi para a pista do Raimundo Nenê, onde a esperava Tércio Mascarenhas, seu marido, que até pouco antes era dado como desaparecido.

Avião no céu, pouco depois Júlia estaria nos braços de Tércio, a floresta amazônica ao fundo. Do outro lado, a Venezuela, para onde Tércio não pretendia voltar. Tércio era dono, junto com Raimundo Nonato, da pista da Constituinte. Perdeu tudo, fugiu apenas com o rádio, a antena, uma bateria e comida. Depois de vários dias sumido, fez Júlia chorar ao cha-

má-la pelo rádio. Conseguira chegar do lado brasileiro. Júlia largou as crianças com parentes e voou para Paapiú.

Abraçada à amiga, lamentando a má sorte, Miriam Gonzales, 40 anos, diz que perdeu mais de NCz\$ 200 mil e que sua esperança é recuperar máquinas que deixou do lado venezuelano. Mas acha difícil. Assim como ela, há muitas mulheres em Paapiú à espera de seus homens, patrões ou outra oportunidade de trabalho. São pessoas humildes que enfrentam uma vida dura para conseguir alguns gramas de ouro como pagamento. Mas há as ambiciosas.

Calça jeans de marca famosa, botas, camisa de linha, jóias, ela não revela o sobrenome, que

garante ser de uma tradicional família de Santa Catarina. Em Paapiú todos a conhecem por Paula, embora muitos garantam que este não é seu nome verdadeiro. Esperta, extrovertida, diz que é médica e conhece todos no local, dos garimpeiros aos donos de pistas e pilotos.

Sentada no banco sujo de madeira, à espera de um prato-feito, onde vão ser misturados arroz, feijão, macarrão e pirarucu ensopado, Paula repete a toda hora que está dura: "Hoje não tenho dinheiro aqui nem para a comida, mas fiquei sabendo que não devo nada na praça; tudo o que perdi já está pago". E avisa: "Agora, é esperar um pouco e começar tudo de novo".



Vanderlei Almeida/Reuter

Júlia reencontra Tércio, desaparecido na mata: beijo, e a promessa de nunca mais voltar